

A ESTÉTICA DA HIPERMASCULINIDADE: UMA ALTERNATIVA DE MASCULINIDADE PELA ARTE DE TOM OF FINLAND

PAULO DEL BIANCO GIUFFRIDA¹

Resumo: Tom of Finland foi um artista homoerótico que, através de suas obras, impactou fortemente na mudança de representação do homem homossexual, que, no início do século XX, era tido como externo ao gênero masculino, sendo levado ao estado de não pertencimento, nem homem e tampouco mulher. Este artigo propõe uma análise das obras de Tom com intuito de compreender a estética da hipermasculinidade formulada a partir de sua arte, expondo como fato uma incessante política de afirmação da existência homossexual como também masculina e máscula.

Palavras-chave: Tom of Finland, Arte, Hipermasculinidade, Homossexualidade.

1. INTRODUÇÃO

Corpos esculpidos, pelos aparados, cabelo curto, rosto amigável e sem medo, é assim que Tom of Finland descreve os personagens de suas obras, homens masculinos que buscam outros homens, têm orgulho de quem são e estão sempre abertos ao prazer. Foi em 1968, um ano antes de Stonewall², que Tom publicou a primeira de uma série de histórias em quadrinhos que exibiam o protagonista Kake³, um homem ideal aos padrões estéticos de seu autor, que transmitia segurança e felicidade, tanto para o observador quanto para seus parceiros. Com o desenvolver de sua arte e o aumento de sua influência, os desenhos de Touko Valio Laaksonen, nome real do artista, passaram a inspirar e alterar a perspectiva acerca do que é ser homossexual dentro da própria comunidade gay. Essa

1 Graduado em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e membro da coordenação de Pós Graduação Educação em Direitos Humanos - EDH/UFABC. E-mail: paulodelbiancogiuffrida@gmail.com.

2 A Revolta de Stonewall foi um levante de pessoas que, futuramente, viriam a se organizar em torno da sigla LGBTQIA+. Este evento ocorreu após uma batida policial no bar *Stonewall Inn*, em Nova Iorque, no dia 28 de junho de 1969. Os policiais pretendiam, com base nas Leis de Sodomia, prender pessoas que fossem tidas como desviantes e pervertidas, porém, cansado dessas agressões, o público do estabelecimento reagiu violentamente. Como consequência desta revolta, ocorreu a organização desses indivíduos em torno da Frente de Libertação Gay, embrião da comunidade LGBTQIA+ e, um ano após o acontecimento, essas mesmas pessoas saíram em marcha na primeira Parada do Orgulho, tornando o 28 de junho uma data histórica de celebração da diversidade. Peter Fry e Edward Macrae (1985) descrevem ainda que Stonewall é, para o movimento LGBTQIA+, “algo parecido com a tomada da Bastilha para a Revolução Francesa”.

3 O nome Kake, em finlandês, é pronunciado como “Cocky”, em alusão a palavra “cock”, que significa pênis.

mudança é descrita por Martti Lahti (2008) como responsável por influenciar grande número de pessoas que adaptaram seus corpos e gestos, além de vestuários, àqueles apresentados pelos homens musculosos das obras de Touko. No decorrer do tempo, o emprego do termo *Tom's man* passou a ser utilizado para descrever esses sujeitos, que se vestiam e se comportavam como Kake e outros personagens representados pelo desenhista. Tal alteração estética propiciada pelo autor, que será melhor desenvolvida à frente, expõe como modelo um indivíduo hipermusculoso, semelhante às antigas estátuas gregas e alto em estatura, que utiliza roupas apertadas e geralmente trabalhadas em couro. Essa aparência retratada diverge do pensamento comum da época sobre o homossexual. A respeito disso, Lahti argumenta que “os desenhos do Tom lutam contra a pressuposição cultural heterossexual de que homens gays são ‘maricas’, ‘medrosos’, ‘efeminados’ e ‘não-masculinos’” (LAHTI, 2008, p. 193, tradução minha)⁴. Tal embate entre os feitos desejados pelo artista e os pressupostos culturalmente pelo senso comum demonstra não apenas uma colisão do aspecto físico pré-entendido entre as partes, mas uma divergência dos papéis sociais esperados e apresentados a partir das aparências dos sujeitos. Nesse sentido, a arte de Tom institui, gerando uma estética hipermasculina, um novo referencial, uma outra forma de ser e se apresentar perante o mundo. A beleza da hipermasculinidade, configurada na persona de Kake, possui aspectos delimitados, peitos, braços e pernas fartas, o maxilar quadrado, lábios espessos, um bigode e cabelo bem aparado e comumente sem barba. Esse é o protagonista que, percorrendo diversos cenários, recebe olhares cuidadosos de outros homens que identificam nele uma linguagem de atração física.

Partindo da análise dos elementos supracitados, este artigo pretende compreender como foi formado o ideal físico estético hipermasculino gay nas obras de Tom of Finland, utilizando o 22º volume da série Kake, com objetivo de formular, dentro de uma perspectiva histórico-teórica, uma estética da hipermasculinidade que advém dos quadros do artista. Como hipótese para esse estudo, será utilizado um panorama de diálogo entre a feminilidade e masculinidade proposta por Amílcar Torrão Filho, que tem por entendimento da masculinidade um conjunto de limites que definem o que é ou não ser homem, como não chorar, não mostrar fraqueza e outros discursos de gênero constituidores do entendimento social heteronormativo e binário do que pertence ao universo dos homens. Nessa publicação, Torrão Filho aponta os receios da masculinidade perante a feminilidade e escreve que “[a] maior ansiedade com relação à homossexualidade, para os homens, está nesta identificação com o feminino, com o ser dominado por outro homem como se fora uma mulher” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 144). A hipermasculinidade de Tom pode representar uma resposta positiva a essa submissão do ser masculino a outra pessoa do mesmo gênero, sendo uma forma de resistência que leva o homossexual ao extremo oposto estético do senso comum exposto por Lahti (2008), no qual homens gays são “mulherzinhas”, pensamento este que explicita uma misoginia pulsante.

4 No original: “Tom’s drawings fight the heterosexual cultural assumption that gay men are “sissies,” “pansies,” effeminate, and nonmasculine” (LAHTI, 2008, p. 193).

Esse pensamento, do homossexual como menos homem em razão de sua expressão estética, se traduz de modo com que o gay deve ser o exemplo estético de masculinidade e virilidade para se reafirmar como ser masculino. Em concordância, Peter Fry (1982) compreende uma divisão dentro do grupo homossexual, diferenciando os “machos”, ativos e masculinos, e as “bixas”, passivas e femininas. Por esse ângulo, a formulação de uma nova vista sobre os trabalhos de Touko tem como intuito dialogar com uma extensa literatura acadêmica sobre masculinidade que expõe as consequências dessa visão divisória de “machos” e “bixas” dentro e fora da comunidade LGBTQIA+⁵, que impacta cotidianamente nos pressupostos sobre tal minoria. Portanto, visamos expor e analisar as vias pelas quais Tom transforma a representação do corpo gay como objeto político e de afirmação da identidade e existência desse grupo. Além disso, é necessário lembrar que as discussões sobre hipermasculinidade ocorrem em diversos meios e não se restringem ao meio da sexualidade.

Este estudo pretende se pautar em dois eixos principais: um é histórico, voltado à contextualização dos eventos e marcos que influenciaram a cultura gay e afetaram o artista em questão, além de expor as visões acerca do que era ser homossexual antes e após a obra de Tom; o outro, teórico, tratando de prover o aporte para a formulação da estética da hipermasculinidade. É essencial clarificar que este artigo visa um enfoque sobre o impacto de Tom of Finland na estética homossexual e compreende que a influência exercida por seu trabalho ultrapassa a comunidade gay, atingindo também a bissexualidade e partes da heterossexualidade, além de grupos como a comunidade *Leather*⁶.

2. A VIDA, OS IMPACTOS E AS INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS DE TOM OF FINLAND

Touko Valio Laaksonen (1920-1991) foi um artista nascido em Kaarina, cidade do sul da Finlândia, que foi amplamente conhecido dentro da comunidade LGBTQIA+ ao longo do século XX. Em 1939, Tom mudou-se de Kaarina para a capital do país, Helsinque, buscando adentrar nos estudos de marketing, mas, em 1940, já iniciada a Segunda Guerra Mundial, ele se viu forçado a parar sua vida acadêmica para servir ao exército. Nesse período, devido a uma convivência cotidiana com soldados e trabalhadores do porto, Touko aprofundou e estabeleceu sua visão sobre a erotização de

5 A sigla LGBTQIA+ é utilizada para referenciar a união de vários grupos minoritários e deve ser entendida como um termo mutável. No início da carreira de Tom, não havia uma unificação dessas mesmas minorias, portanto, até a Revolução de Stonewall, era inexistente um termo que se referia a esses grupos como um conjunto. Este entende que a mutabilidade da sigla – que passou por nomes como Frente de Libertação Gay, Comunidade de Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS), Comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (LGBT) e, atualmente, pode ser referida como Comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intessexuais, Assexuais e outros (LGBTQIA+) – faz parte do desenvolvimento da comunidade, sendo assim, será utilizado o termo LGBTQIA+ ao longo de todo este artigo devido à terminologia atual englobar as antecessoras.

6 A comunidade *leather* diz respeito ao amplo segmento de pessoas que, independentemente da sexualidade ou do gênero, se identifica com o visual, a cultura e o estilo de vida que as roupas de couro podem proporcionar.

marinheiros e policiais, que futuramente viria a se tornar uma marca registrada em seus desenhos. Como descrito por F. Valentine Hooven (2020), foi através de envolvimento direto com alguns soldados que Tom passou a exercer parte de sua sexualidade, ainda que em segredo⁷. Dessas experiências, Touko manteve diversos aspectos estéticos que moldaram os homens representados em seus quadros, tais como as botas de couro, o porte físico e as vestimentas dos militares.

Foi somente em 1956 que Tom enviou seus trabalhos eróticos para a revista norte-americana *Physique Pictorial*, seu primeiro espaço de publicação. Esse era um meio que publicava fotos e imagens de homens compatíveis com o ideal estético masculino viril, como *bodybuilders* e *blue collar men*⁸. Durante a década de 1960, Tom se deparou com a necessidade de um protagonista para suas histórias em quadrinhos, e assim surge *Take*, o homem ideal. Aqui, as obras passam a adotar um visual físico exacerbadamente musculoso e, como consequência, algumas partes do corpo masculino são retratadas hiperbolicamente, tornando a sexualização do homem ainda mais apelativa (HOOVEN, 2020).

Como apontado por Parazi (2006), após uma experiência frustrada pelo roubo de diversos trabalhos seus em sua primeira exposição de arte em Hamburgo no ano de 1969, foi apenas em 1978 que Tom aceitou participar de uma segunda apresentação, desta vez nos Estados Unidos, para onde se mudou em 1979. É com a influência estadunidense que a sua arte muda em alguns aspectos, como no caso dos soldados, anteriormente retratados aos moldes de seus parceiros na guerra, e que passam a ser substituídos pelos policiais tipicamente norte-americanos. O surgimento de motocicletas e dos *cowboys* segue essa perspectiva e podem ser vistos em *Highway Patrol* e *Take in the Wild West*, obras de 1980 e 1982, respectivamente. Com a viagem à América, Tom passa a compreender a magnitude e o impacto de suas obras, como é explicado no documentário *Daddy and the Muscle Academy de Phjola* (1991), e percebe que sua arte é conectada por uma “rede invisível de contatos entre homossexuais”⁹. *Take* e outros quadros seus estavam presentes nos bares frequentados pelo público homossexual e eram amplamente pirateados e reproduzidos.

Com o início da epidemia de aids durante a década de 1980, o artista manteve suas publicações dentro de certos parâmetros, seus desenhos continuaram a representar homens felizes e saudáveis, expressando abertamente suas sexualidades. As obras de Tom atingem, nesse período, uma complexidade peculiar. Durante toda sua vida, o exercício de uma sexualidade não heteronormativa

7 A homossexualidade, na Finlândia, era criminalizada até 1971, segundo o relatório “State-Sponsored Homophobia 2020: Global Legislation Overview Update”, ILGA, 2020.

8 O termo *blue collar men* refere-se aqui aos trabalhadores braçais, tais como da indústria e construção civil.

9 As “redes de contato invisíveis” aqui citadas referem-se aos locais e estabelecimentos frequentados pela comunidade LGBTQIA+ que, salvo exceções, não eram visualizados ou conhecidos por um grande número de pessoas cisgêneras e heterossexuais, estando assim, portanto, invisíveis a esses indivíduos.

foi tido como impróprio e punível das mais diversas formas¹⁰ e, com a expansão do HIV, a homofobia ganha um novo respiro. Nesse momento, a arte homoerótica em questão é capaz de ser interpretada com um pensamento saudosista por parte da comunidade gay, como um desejo de retorno ao período em que o ato sexual entre homens não representasse medo, mas fosse causa de alegria, tal como nos desenhos em questão¹¹. Após uma vida de ousadia e coragem, Tom faleceu no dia 7 de novembro de 1991, aos 71 anos, devido a complicações causadas por um enfisema pulmonar, entretanto, seu legado se mantém preservado na Tom of Finland Foundation, uma organização criada em 1984 cujo objetivo é preservar o trabalho de Tom e celebrar a diversidade.

Segundo Hooven (2020), o impacto das obras de Tom não foi algo impensado e despreocupado. Grandes eventos de massiva repercussão na comunidade LGBTQIA+ ocorreram enquanto ele produzia seus “dirty drawings”¹², desde o envio de homossexuais aos campos de concentração, nas décadas de 1930 e 1940, passando pela Revolta de Stonewall, em 1969, até a epidemia de aids, nos anos 1980; e os desenhos de Tom trabalhavam ativamente para mudar o referencial estético gay. A produção homoerótica dessas obras tem caráter crítico e desafiador, uma vez que, com elas, é questionado o estereótipo do homossexual como um terceiro gênero, entre o feminino e o masculino, não pertencendo verdadeiramente a nenhum deles (POHJOLA, 1991). Figuras que poderiam ser associadas a esse pensamento do gay como entre gêneros podem ser encontradas em filmes como *Different from the Others* (1919) e *O Terceiro Sexo* (1957). Nessas cinematografias, a figura do homossexual é apresentada com traços femininos e geralmente mais delicados do que os demais homens. Sobre isso, Lahti argumenta que “[n]ossa cultura ainda é caracterizada por discursos que renegam o homossexual masculino ao terceiro gênero, nem feminino e nem masculino, e assim nos marcam como uma masculinidade falha” (LAHTI, 2008, p. 193, tradução minha)¹³. O ponto a ser tratado aqui diz respeito a como Tom of Finland rompe essa teoria ao apresentar o homossexual, tanto como ativo ou como passivo, como hipermasculino. É necessário ressaltar que a influência de Tom para mudar o ideal gay não era única. Sobre isto, Vicente Parizi (2006) afirma que não apenas Tom trabalhava os signos da hipermasculinidade, do couro e dos uniformes. George Quaintance (1902-1957), por exemplo, era um artista americano que abordava referenciais do masculino e do homoerótico tal qual Tom, criticando assim a “masculinidade falha”

10 Punições físicas – como castração química, tortura, prisões e penas de morte – foram formas de condenação para pessoas da comunidade LGBTQIA+, as quais eram praticadas enquanto Tom estava vivo.

11 Nos anos 1980 e 1990, a aids era retratada como “câncer gay” para o que seria o “pecado da homossexualidade”.

12 “Dirty drawings”, ou “desenhos sujos”, era a forma pela qual Tom of Finland se referia às suas obras.

13 No original: “Our culture is still characterized by discourses that relegate male homosexuality to third gender, which is neither femininity nor masculinity, and thus marks a “failed” masculinity” (LAHTI, 2008, p. 193)

renegada ao homossexual. O ponto de divergência entre eles é a valorização extrema, por Tom, do órgão sexual masculino e o como o contato visual entre os homens é realizado¹⁴ (POHJOLA, 1991).

Sobre essa representação e, adentrando ainda mais no aspecto erótico dos quadros de Tom, é importante atentar para objetivos do erotismo na arte, como já afirmado, lembrando que não foi mera coincidência que tais desenhos tenham impactado fortemente à comunidade gay. Como descrito pelo filósofo Arthur Danto, a arte do erotismo impacta o espectador de modo a causar uma reflexão sobre “sua personalidade inibida, ou então sobre sua vida emocionalmente empobrecida” (DANTO, 2015, p. 65). Dentro da comunidade homossexual, esse empobrecimento era fruto das formas de repressão à não heterossexualidade, o que produzia um grupo social marginalizado e emocionalmente fragilizado. Danto ainda prossegue afirmando, sobre o erotismo, que:

O encanto numa obra de arte, exatamente como na vida, constitui uma maneira de nos fazer sentir enternecidos e protetores em relação àquilo que o possui. Em função de exemplos desse tipo, a estética pode explicar por ela mesma por que, afinal, temos arte: nós a temos a fim de que nossos sentimentos sejam atraídos para aquilo de que ela trata. (2015, p. 65-66)

A arte de Tom é, nesse contexto, defensora de uma estética homossexual única porque retrata e designa aquilo que é desejado pelos gays, suas vontades ligam-se a homens seguros de si e saudáveis, que expressam abertamente carinho e ternura para com outros homens, que retribuem esses cuidados. Alguns elementos, como o cenário das imagens de Tom, que geralmente são espaços abertos que consistem de parques e florestas, são essenciais para a livre expressão da homoafetividade representada. É necessário atentar que, historicamente, a comunidade LGBTQIA+ é renegada ao sorrateiro, à noite e às baladas como meio de socialização e, não por acaso, Stonewall, marco do ponto de virada da resistência LGBTQIA+, era um bar principalmente noturno. A homossexualidade e a transsexualidade, assim como o crossdressing e outras diversas formas de expressão, foram tidas como sodomitas e desviantes, e caminharam historicamente no meio do ilegal¹⁵. Foi apenas após a década de 1960, com o levante das minorias nos Estados Unidos contra as Leis de Sodomia¹⁶, que essa realidade começou a ser alterada. O papel da homoerotização, tal qual representada por Tom, é fundamental para compreender o que instigou a alteração das leis de criminalização da homossexualidade, pois os desenhos em grafite dele propuseram a possibilidade da livre expressão homoafetiva sem retaliação, um desejo longínquo dos LGBTQIA+.

14 No documentário *Daddy and the Muscle Academy*, Tom, ao se referir às obras de Quaintance, ressalta o fato dos personagens lá representados não trocarem contatos visuais diretos mesmo durante extrema intimidade.

15 Após a Revolta de Stonewall, a comunidade LGBTQIA+ começa a mudar esta situação agindo de forma a eleger políticos pertencentes a ela, além de atuar para denunciar a violência contra seus membros.

16 As Leis de Sodomia eram um conjunto de leis existentes nos Estados Unidos que visavam a proibição de atos não heteronormativos, punindo e legitimando as formas de expressão da cultura LGBTQIA+.

O fato de Tom of Finland somente ter feito uma exposição de arte na América em 1978, no final de sua vida, é reflexo direto de dois aspectos: primeiro, o fato de a arte homoerótica ser censurada, com o apoio do Estado, quando não se limitava a circular dentro da “rede invisível de contatos entre homossexuais”¹⁷; e, em segundo lugar, após Stonewall, a resiliência da comunidade LGBTQIA+ desejava se ver representada (POHJOLA, 1991).

3. A ESTÉTICA DA HIPERMASCULINIDADE: IDENTIDADE E AFIRMAÇÃO

Como exposto por Ronaldo Trindade (2004), é através das carícias e dos carinhos entre homens hipermasculinos e superavantajados que Tom cria um modelo de homossexual. Neles, o artista capta e expõe elementos do sensível, como os músculos e o pênis de seus personagens, através da representação corporal hiperbólica. Nesta seção, serão explorados os percursos realizados pelo desenhista que possibilitaram a uma arte, ausente de texto¹⁸, dialogar com os desejos e anseios de um amplo número de pessoas. Para tal, será analisada a obra *Highway Patrol*, da série *Kake*¹⁹, publicada em 1980 e que mostra o protagonista se relacionando com dois policiais estadunidenses.

Como já explicitado, os *Tom's man* são homens que se vestem e se comportam em consonância com a representação masculina das obras de Tom, e alguns dos elementos mais evidentes nessa estética é o uso de longas botas de couro preto²⁰ – uma constante em quase todos os seus trabalhos –, um conjunto de jaqueta e calça, além de um chapéu pequeno – todos esses elementos de mesmo material e coloração das botas. Embora possa haver algumas mudanças de vestuário, como o uso de uniformes militares e calças jeans, a imagem mais associada tanto ao *Kake* quanto ao *Touko* é a do uniforme em couro preto. Sobre isso, Tom comenta em *Daddy and the Muscle Academy* que o couro é um material orgânico e vivo, que melhora com a idade; ademais, o artista ressalta o orgulho de vestir-se assim, já que, para ele, a roupa reflete a pessoa que a está usando e, portanto, ter orgulho de “estar em couro” demonstra o orgulho de ser um *Tom's man* (POHJOLA, 1991). Outro fator dessa identidade explicitada são os gestos corporais representados em *Highway Patrol*. Como a comunidade LGBTQIA+ é ainda contemporaneamente criminalizada em mais de 70 países segundo a Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), situação que antigamente englobava diversos outros países,

17 Frase foi retirada na íntegra do documentário *Daddy and the Muscle Academy* e diz respeito às conexões entre homossexuais feitas de modo escondido, fora do olhar de pessoas não pertencentes ao meio LGBTQIA+.

18 Tom enfatiza no documentário que suas obras não possuíam textos escritos devido ao seu objetivo ser impactar o maior número possível de pessoas. Assim, a escrita seria um entrave, limitando seu alcance.

19 Algumas das obras de Tom of Finland podem ser acessadas através do site da Galeria David Kordansky. Disponível em: <https://www.davidkordanskygallery.com/viewing-room/tom-of-finland>.

20 As botas pretas de couro foram, ao longo de toda a vida de Tom, uma obsessão pessoal. Ele as interpretava como altamente eróticas e afirmou que seu primeiro par de botas lhe foi dado por seus pais ainda quando criança.

inclusive os Estados Unidos até o início do século XXI²¹, os membros dessas minorias desenvolveram um sistema de gestos e códigos²² para identificar possíveis parceiros, sexuais ou não. Tal linguagem pode ser verbal, corporal e estética. No âmbito do corpóreo, ela é representada nos quadros de Tom principalmente através do olhar e dos sinais implícitos, aspectos em que Kake demonstra um completo domínio, capaz de expor seus desejos e reconhecer os dos outros. Os “hipermachos” desses quadros conduzem uma masculinidade homossexual específica, tal qual compreendida pelo seu criador (PARIZI, 2006), a qual diverge do padrão heteromascuino e pode ser facilmente reconhecida por outros homossexuais, que compreendem os códigos invisíveis da homossexualidade.

Um dos elementos formadores da produção artística de Tom of Finland, que foi muito utilizado para capturar essa masculinidade descrita acima, advém do uso da fotografia como apoio para os desenhos em grafite sobre papel. Tom argumenta que o uso dessa técnica visava prover uma representação não caricatural e mais fotorrealística na qual ele trazia os elementos da fotografia para o papel, como exposto no documentário de *Pohjola* (1991). Com o desenvolvimento das tecnologias de captura de imagem, Tom avança na reprodução realística dos traços estéticos definidores da hipermasculinidade, porém, um aspecto que foge da mimese é seu traço mais característico, o exagero em relação ao pênis. Outro feito essencial para a análise da virilidade homossexual divergente da heterossexual é a fluidez da transitoriedade de poder entre os homens representados nas obras, e mais especificamente em *Highway Patrol*. Acerca disso, Parizi argumenta que:

Tom mostra que talvez o papel ativo não seja obrigatoriamente sinônimo de masculinidade, assim como provavelmente o papel passivo não seja sinônimo de menos masculinidade ou de homossexualidade: é possível para um homem ser passivo e continuar sendo um homem. Assim, ser homossexual deve ser uma coisa independente do fato de ser passivo. É importante lembrar que, nesse ponto, estamos indo em sentido contrário ao pensamento popular (ou dominante), que nitidamente associa a homossexualidade com a passividade. (2006, p. 80)

Dessa forma, a questão do poder como advindo da masculinidade, do papel de ativo, é tão desejada para Tom quanto a posição de submissão, passivo. Em *Highway Patrol*, podemos reafirmar isso, vendo Kake, que no início dessa história está em posição de passivo, gradualmente alterar, a partir da segunda metade da obra, sua disposição e finalizar a história no posto de ativo. Isso ocorre como consequência de uma premissa de Tom, que visa a dominância e o ser dominado como fontes de prazer igualmente desejadas pelo ser masculino. Essa fluidez na representação das funções no relacionamento sexual é outro traço de distinção do artista, sendo que a hipermasculinidade proposta por Tom na figura de Kake compreende o gozo como um de seus pilares estruturais, sendo assim, o desenhista diverge da masculinidade heterossexual, que não aceita a submissão e tenta ser fixo, de

21 Em 2009, foi aprovada a Lei Matthew Shepard, que colocava fim a uma longa luta contra a criminalização da homossexualidade e tipificava uma agressão homofóbica como crime de ódio.

22 Termos e gírias foram, ao longo dos anos, agregando um amplo conjunto de palavras que tornaram-se um dialeto. No Brasil, é utilizado o nome Pajubá para referir-se a essa forma de comunicação.

origem masculina e indominável. Outra via pela qual o poder é encontrado nas obras de Kake é por meio da autoridade. Com um foco extenso na representação e fetichização dos uniformes, Tom of Finland apresenta usualmente essas figuras como portadoras iniciais do ser dominante e que, com o desenvolver da ação, trocam de papel. A figura do autoritarismo, dentro deste entendimento, é vista não por uma perspectiva de repressão e punição, mas como um jogo de sedução. Martti Lahti argumenta que esses feitiços comumente associados com o homem heterossexual são adaptados à cultura gay e que “[e]ssas imagens têm provido em parte aos homens gays um estilo a seguir” (LAHTI, 2008, p. 192), estilo este que é forma base de distinção entre as diferentes masculinidades apontadas acima.

A estética da hipermasculinidade produzida por Tom of Finland é resultado do acúmulo de diversos signos da masculinidade heterossexual, como as referências ao visual nazista, que Tom agregou durante a Segunda Guerra Mundial, até a entrada da moda estadunidense na década de 1980, uma vez que seu estilo expõe esses elementos e os adapta ao meio cultural gay, criando assim o *Tom's man*. Em seus trabalhos, Tom questiona o modelo hierárquico masculino fixo e propõe uma visão do prazer como prioridade, o deleite, que é entendido por ele de acordo com seus gostos pessoais, envolvem homens musculosos e viris vestidos de forma a realçar esses aspectos, tornando-os cada vez mais hipermusculosos e hiperviris. Como consequência de uma representação exacerbadamente masculina, a apresentação feminina em suas histórias em quadrinhos geralmente é marginalizada, já que ela não é entendida por Tom como foco de seu desejo. A exclusão do papel da mulher ocorre nessas obras pois, segundo Tom, ele não conseguia captar a sensualidade feminina em seus desenhos e acabava por copiar as mulheres fotografadas em revistas pornográficas (POHJOLA, 1991). Outro aspecto que gera a ausência do feminino em seus quadros é o entendimento de que, perante homens gays, a mulher não será foco de desejo sexual. Isso pode ser visto ao analisar o sexto volume da série Kake, intitulado *Threesome*, na qual o companheiro de uma mulher, aqui representada, prefere se relacionar com o protagonista masculino, renegando-a à autossatisfação por meio de um objeto fálico. Em concordância com isso, a questão da feminilidade no homem, referente a seus traços físicos, também está ausente na obra, e assim se faz porque, na hipermasculinidade do autor, o feminino, como sexualmente atraente, é renegado, como aponta Parazi (2006). A feminilidade não tem espaço nessa estética devido à natureza da oposição entre a figura do homossexual masculino e a imagem do terceiro sexo. Os objetivos de Tom vão na direção da reafirmação do gay como homem e, em uma estrutura de gênero rígida, o masculino é entendido como não feminino, por isso a negação da feminilidade é feita para exaltar a masculinidade dos homens. Segundo Oliveira e Fontenele, tal constituição de másculo é feita assim porque, “[p]ara ser homem, viril, seria necessário, portanto, recalcar, repudiar e reprimir a própria feminilidade” (OLIVEIRA; FONTENELE, 2019, p. 92), e essa suposição do ser viril impacta, expondo diretamente o pensamento de uma sociedade patriarcal.

Outra figura que compõe a estética da hipermasculinidade do artista é a apresentação do corpo como objeto político de afirmação da existência do homossexual. Lahti explica que:

Esses homens [*Tom's man*] transformam seus corpos privados em públicos, nos quais a imagem da identidade gay, modelada após os desenhos de Tom of Finland, será inscrita. Assim, eles usam seus corpos para fazer a identidade gay visível e, simultaneamente, chamam a atenção para a questão dos limites entre público e privado, enfatizando a estratégia do “corporal é político”. Ademais, esse processo de transformar representações em corpos materiais sublinha não apenas a fragilidade, a flexibilidade e a natureza performativa das nossas identidades, mas também a maleabilidade de nossos corpos. (2008, p. 188, tradução minha)²³

A transformação do corpo é fonte essencial de análise para a definição da hipermasculinidade, pois demonstra a necessidade de um trabalho ativo com modelagem da aparência para uma afirmação política. Essas alterações, que são feitas não apenas por meio do esforço físico, mas também como consequência do uso de brinquedos sexuais²⁴ e procedimentos cirúrgicos, são os modos de reprodução dessa estética. É através da hipertrofia dos músculos que o homem homossexual se afirma como ser forte e dominante e, para Trindade (2004), não apenas a busca pelo corpo musculoso existe na comunidade LGBTQIA+ como se faz para ver e ser vista nos espaços de socialização entre homossexuais. Ademais, como apontado por Lahti (2008), tal modificação expõe uma fragilidade que, embora não seja física, é identitária. Sobre isso, não despropositadamente, a série *Kake* retrata seus homens como pessoas carinhosas e ternas. Tom compreendia a fragilidade social imposta aos homossexuais e procurava alterá-la em suas obras. É nesse ponto que há outra quebra em relação à masculinidade heteronormativa perante a hipermasculinidade encarnada por *Kake*, uma vez que, para Tom, os sentimentos têm papel fundamental na sua arte e isso é exposto a partir das formas de carinho realizadas entre os personagens. O prazer em suas obras é apresentado durante o contato sexual dos personagens, e até mesmo situações de agressividade podem ser entendidas como fetiches a serem de momentos específicos, sendo que o cuidado entre os personagens é algo explícito.

Destarte, a estética da hipermasculinidade de Tom vai além da mera representação física, é uma forma de afirmação política da homossexualidade que dá visibilidade a um comportamento não heteronormativo. Mais ainda, ela é um elo em comum entre homens que se relacionam com homens e cria uma rede visível que conecta pessoas. É necessário ressaltar que, em 2020, foi adotada uma nova perspectiva sobre a definição do termo *Tom's man*. Segundo Ben Youdan, artista residente Tom

23 No original: “These men transform their bodies (the private) to the public on which the image of gay identity, modelled after Tom of Finland’s drawings, is inscribed. Thus they use their bodies to make gay identities visible, simultaneously calling into question the boundary between the private and the public and stressing the strategy of the “corporeal is political.” Furthermore, this process of transforming representations to material bodies underlines not only fragility and pliability and performative nature of our identities, but also malleability of our bodies.” (LAHTI, 2008, p. 188)

24 Uso de “plungers” para desenvolver os mamilos é uma das formas de adaptação do corpo ao ideal estético de Tom, isso reafirma a natureza maleável dos corpos como proposta por Lahti.

of Finland House²⁵, “todos nós podemos ser um *Tom’s man*, independentemente de como nós aparentamos”. Essa alteração representa uma crítica à visão de que para ser um *Tom’s man* seria necessário seguir padrões de beleza opressores e visa retirar um conceito de exclusão baseado na forma física da pessoa, passando assim a focar ainda mais no orgulho próprio como ponto principal a ser adotado para tornar-se um *Tom’s man*. Tom nasceu no início do século XX, e isso impactou diretamente o seu entendimento sobre a sexualidade, de modo que uma análise teórica de suas obras deve levar em conta também o contexto histórico. Por isso, manter a definição rígida do que é ser um *Tom’s man* aos antigos padrões do artista seria atualmente interpretado como um ato excludente, não representando o desejo dele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A masculinidade e a feminilidade, como conceitos dualísticos, se apresentam numa visão heteronormativa de modo com que o feminino atrai a feminilidade e expulsa a masculinidade para se reafirmar, enquanto o masculino repele a feminilidade e acolhe a virilidade, ou seja, o masculino somente vê valor positivo nos aspectos relativos a ele e entende que o seu oposto possui qualidade negativa, se assimilado. Deste modo, uma visão acerca das obras de Tom of Finland que considere, estritamente, uma ótica de gênero e parta dos pressupostos apresentados acima, acerca da masculinidade heterossexual, é insuficiente para a compreensão nítida do tema, afinal, a linguagem da masculinidade heteronormativa é insuficiente para compreender o proposto por Touko.

A estética da hipermasculinidade, apresentada nos desenhos do artista, visa uma forma de resistência dentro do meio LGBTQIA+, entretanto, tal ato não se traduz pela rejeição da submissão, como pensado anteriormente. Nas obras de Tom, não apenas o estar em posição de passivo é algo bem-visto pelos personagens, como também é algo a ser desejado, e isso está em sentido oposto ao entendimento da submissão como inaceitável dentro da masculinidade. O proposto pelas obras de Tom of Finland são homens que encontram, desejam e esperam o prazer de serem submissos, de estarem em posição de passivo. Tal expectativa demonstra uma quebra da visão de masculinidade como descrita pelos padrões heteronormativos. A hipermasculinidade coloca o prazer como fundamento e, portanto, o deleite encontrado nos aspectos que culturalmente são ligados ao feminino, como é o caso do ser penetrado, é desejado por esses indivíduos masculinos. Sendo assim, a hipermasculinidade de Tom vê valor positivo em uma característica geralmente associada ao feminino. Outro aspecto de distinção entre as estéticas dissertadas é proveniente da questão de gênero, mais especificamente da confusão entre o gênero e a sexualidade. O argumento afirmativo do indivíduo masculino homossexual como pertencente ao possível terceiro sexo, que parte da pressuposição dos limites rígidos da sexualidade, ou seja, do entendimento de que o homem é o dominante e a mulher a dominada, não aceita uma quebra neste papel de poder e, portanto, pretende

25 A Tom of Finland House é uma iniciativa da Tom of Finland Foundation que visa incentivar e visibilizar novos artistas, além de constituir o um local de preservação da memória de Tom e da comunidade LGBTQIA+.

“criar” outro gênero para abarcar o gay, em vez de rever o conceito de masculinidade. Tom não apenas questiona tais asserções quando representa homens como passivos, mas também associa essa ação ao ser masculino, ou melhor, hipermasculino.

É através de uma representação de seus homens como pessoas altamente pertencentes a uma masculinidade aparentemente heterossexual que Tom expõe uma divergência para com o senso comum; ademais, é por meio dessa mesma representação que o artista mostra a resiliência da comunidade LGBTQIA+. A modificação de seus próprios corpos, por parte dos *Tom's man*, é um ato de resistência, quando este está relacionado ao porte físico hipermusculoso como resposta ao gay como não homem, e é uma atitude que demonstra a flexibilidade do corpo e como o preconceito pode impactá-lo.

Tom of Finland e Kake ajudaram a moldar o ideal gay dentro e fora da comunidade LGBTQIA+. Quando Tom dava sequência, secretamente, a suas obras na década de 1940, os homossexuais eram atirados aos campos de concentração pelos nazistas e tratados como impuros e pervertidos. Ao final de sua vida, Tom tinha presenciado a constituição de uma verdadeira comunidade LGBTQIA+, ampla, organizada e potentemente representada em sua arte homoerótica, fonte de ternura e carinho, que mostrava a existência e resistência dos homens gays. Tom elevou a demonstração de amor e cuidado entre homens expondo esse amor como algo a ser admirado e digno de apreciação. Tal sentimento transpassa a limitação corporal. Tom fazia seus personagens ao gosto pessoal, e isso significa homens musculosos, porém, tal aspecto não nega a diversidade de belezas existentes no meio LGBTQIA+, pois, como já dito, Tom não foi o único artista a alterar e representar a persona do homossexual, ele ampliou o espectro de possibilidades de representação, cujos efeitos são não só artísticos e estéticos, como também sociais e políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DADDY and the Muscle Academy. Direção de Ilppo Anssi Pohjola. Finlândia: Zeitgeist Films. 1991. 1 disco de DVD (55 min).

DANTO, Arthur. *O Abuso da Beleza: A estética e o conceito de arte*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é a homossexualidade?*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HANSON, Dian. *Tom of Finland: The Complete Kake Comics*. Los Angeles: Taschen, 2020.

HOOVEN, F. Valentine. *Tom of Finland: The Official Life and Work of a Gay Hero*. Cernunnos, 2020.

ILGA WORLD. *State-Sponsored Homophobia 2020: Global Legislation Overview Update*. Genebra: ILGA, 2020.

LAHTI, Martti. Dressing Up in Power: Tom of Finland and Gay Male Body Politics. *Journal of Homosexuality*, New York, out. 2008.

OLIVEIRA, Luciano Lima; FONTENELE, Laéria. Entre Príapo e Dionísio: Reflexões sobre a Masculinidade. *Psicanálise & Barroco*, Rio de Janeiro, n. 3, dez. 2019.

PARIZI, Vicenti. Überman: Mudanças na (Auto)Imagem Masculina, Homossexualidade e Homofobia Analisadas a partir de Imagens Produzidas por Tom of Finland. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 35, 2006.

TRINDADE, Ronaldo. *De Dores e de Amores: Transformações da Homossexualidade Paulistana na Virada do Século XX*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma Questão de Gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 24, 2005.

ZANE, Zachary. Buggery, Sodomy and Cross-Dressing, Oh My: A Timeline of Gay Criminalization in America. *Hornet*, Califórnia, 17 jan. 2020.